

Continuando por esse caminho, Frederico mostra que o conceito mais presente em toda a crítica literária lukacsiana, desde a década de 30, é mesmo o realismo, base de toda a argumentação do famoso ensaio *Narrar ou descrever?* (1936), que reaparece, mais tarde, nas obras *Estética*, de 1963, e *Realismo crítico hoje*, de 1957. Nesse ponto, destacando o “diálogo impossível” entre o pensador húngaro e Walter Benjamin, um dos principais representantes da Escola de Frankfurt, esmiuçando os conceitos de *símbolo*, preferido por Lukács, e *alegoria*, defendido por Benjamin, para explicar a produção artística do começo do século XX, mais uma vez Frederico consegue ser claro e didático, sem cair na simplificação; são extremamente esclarecedoras — e convém destacar que não apenas para o leitor iniciante no universo lukacsiano — as páginas do capítulo dedicado a esse assunto.

Seria de esperar, num texto como esse, dedicado a um pensador de renome, que seu autor deixasse transparecer algum tipo de envolvimento maior, positivo ou

negativo, ao longo do texto. Isso, todavia, não acontece. Frederico procura, durante todo o tempo, manter a neutralidade científica esperada para a tarefa. E consegue. Coloca-se de fora, lê, analisa, interroga, questiona, interpreta, aventa uma ou outra opinião. É apenas na conclusão que deixa transparecer a sua grande admiração pelo crítico, quando a ele dedica alguns parcimoniosos mas significativos adjetivos. Essa contenção, paradoxalmente, consegue agigantar ainda mais a importância do pensamento de Lukács. E não por acaso, Frederico escolheu dele a frase: “A política é apenas um meio; o fim é a cultura”, para resumir a longa e coerente trajetória do pensador. Frase que pode ser aplicada ao esforço bem sucedido de Frederico, o de tentar desvelar para iniciantes o universo de um pensador clássico do marxismo, num momento, como o nosso, tão avesso a qualquer empreendimento desse tipo. Só que o livro de Frederico conseguiu inverter os termos da proposição lukacsiana: intervindo na cultura, ele cumpriu uma tarefa política.

Jacob Gorender

Combate nas trevas. 5ª edição revista, ampliada e atualizada.
São Paulo, Ática, 1998.

Marcelo Ridenti, professor do Depto de Sociologia, Unicamp.

Jacob Gorender acaba de publicar a 5ª edição revista, ampliada e atualizada de seu livro *Combate nas trevas*. Dez anos após o lançamento, o livro continua sendo a principal referência historiográfica sobre a atuação da esquerda brasileira nos anos 60 e 70.

Na presente edição, Gorender incorpora novas pesquisas e informações so-

bre o tema. Elas permitem esclarecer um ou outro detalhe de uma história que, no essencial, já fora contada com maestria e competência na primeira edição da obra.

Combate nas trevas é o primeiro livro de indicação obrigatória — dentre os inúmeros já escritos por ex-militantes, jornalistas, historiadores e cientistas sociais — para os leitores que desejam co-

nhecer a história da esquerda brasileira nos anos 60 e 70, particularmente da esquerda armada. Afinal, ele reconstitui a trajetória sinuosa das várias organizações atuantes na época, como o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido Comunista do Brasil (PC do B), a Ação Popular (AP), a Ação Libertadora Nacional (ALN), o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e muitas outras.

Escrito por um historiador, com habilidade jornalística e um toque memorialístico, o livro narra com clareza os principais episódios políticos do período estudado, tendo como foco principal as esquerdas. Esclarece suas divergências, propostas políticas, ações mais importantes, atuação de militantes, situações de prisão, tortura e morte de guerrilheiros, constituindo-se num guia didático para quem deseja conhecer o labirinto da história recente da esquerda.

Eis alguns dos principais acréscimos à edição atualizada da obra: um capítulo sobre o encontro secreto entre Marighella e o general da “linha dura”, Albuquerque Lima; um capítulo final de avaliação das novas abordagens e informações sobre o tema do livro, nos dez anos que transcorreram após sua publicação; esclarecimento de detalhes históricos de episódios já relatados na primeira edição (por exemplo, Gorender revela o nome do principal autor do atentado promovido pela Comissão Militar da AP, no aeroporto de Recife, em 1966); etc.

O livro apresenta aspectos polêmicos, como a avaliação dura sobre a militância do legendário líder comunista, Luiz Carlos Prestes, a discordância da versão de Frei Betto para a morte de Marighella, e a exposição de casos de “justiçamentos” de guerrilheiros por seus próprios companheiros. Esses aspectos indicam a independência do historiador na análise dos fatos estudados, não hesitando em apresentar versões que podem desagravar setores da esquerda.

Gorender analisa a luta guerrilheira no pós-64 como “protesto armado”, resistência contra o regime civil-militar, embora parte da esquerda imaginasse estar realizando uma operação estratégica que levaria ao socialismo. Essa tese, da qual compartilho, está longe de ser consensual entre os estudiosos do período. Estamos diante de uma das muitas pistas que o livro abre para a análise da esquerda. Outra: a crítica frontal à análise de Francisco Weffort sobre o caráter espontâneo da greve de 1968 em Osasco.

Ao final de cada capítulo, aparecem em anexo ricas “fontes informativas e referências bibliográficas”, úteis especialmente para outros pesquisadores. Estes poderão formular suas próprias análises para os fatos históricos narrados por Gorender, até mesmo contrapondo-se a um ou vários aspectos de sua abordagem. Mas não poderão negar a importância da visão de conjunto apresentada por Gorender, que faz do livro um clássico no campo de estudos de partidos e movimentos de esquerda.

RIDENTI, Marcelo. Resenha de: GORENDER, Jacob. Combate nas trevas. São Paulo: Ática, 1998. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.6, 1998, p.160-161.

Palavras-chave: Esquerda brasileira; Ditadura militar; Esquerda armada; Partidos comunistas.